



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Artigo recebido até 15/01/2012
Aprovado até 15/02/2012

O ADJETIVO NA FORMAÇÃO NOMINAL: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA

Luiz Francisco Dias¹
(UFMG)

1. Introdução

Neste estudo, abordamos o funcionamento do adjetivo em língua portuguesa do ponto de vista da semântica da enunciação. Especificamente, analisamos dois tipos de articulação contraídos pelo adjetivo na sua inserção às formações nominais. O texto se assenta nos conceitos de articulação por dependência e articulação por incidência apresentados por Guimarães (2009). Para isso, analisamos enunciados do cotidiano, principalmente da imprensa escrita. Além disso, elaboramos enunciados do nosso próprio punho, no sentido de buscar parâmetros de enunciação que se afastam ou se aproximam dos enunciados efetivos.

Inicialmente, apresentaremos a diferença entre articulação por dependência e articulação por incidência. A seguir, vamos desenvolver a relação entre articulação e Formação Nominal. Por fim, investigaremos a participação do adjetivo na Formação Nominal, tendo em vista os dois tipos de articulação.

2. Articulação por dependência e articulação por incidência

Guimarães (2009) considera a *articulação* um dos procedimentos mobilizados pela enunciação, enquanto acontecimento da produção do sentido. Na sua perspectiva, a articulação se constitui na medida em que relações semânticas se estabelecem mediante

¹ Doutor em Linguística. Professor Associado III da UFMG.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

contiguidade de elementos linguísticos. Mas isso não significa que os elementos linguísticos adquirem relação a partir de propriedades que lhes são inerentes. A enunciação, e especificamente a relação que o locutor estabelece com a sua fala, é um fator determinante na configuração dos elementos articulados em uma sequência linguística. Na sequência “os meninos de vermelho”, segundo Guimarães, os elementos linguísticos contíguos “os” e “de vermelho” vinculam-se a *meninos* constituindo em articulação um grupo nominal. Nesse tipo de articulação, “o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado.” (GUIMARÃES, 2009: 51). Por sua vez, em “Até Pedro veio”, a articulação que “até” estabelece com *Pedro veio* é de outro tipo, pois não criaria uma relação de dependência, e sim de incidência. Nesse caso, segundo ele, “o acontecimento relaciona uma operação pela qual o Locutor relaciona sua enunciação com o enunciado.” (GUIMARÃES, 2009: 51).

O papel do *até* na ocorrência apresentada não é o mesmo constatado em “Pedro foi até o muro e voltou” ou “Carla ficará na casa da tia até fevereiro”. Nesse caso, temos verdadeiramente uma preposição, que expressa limites espacial e temporal, respectivamente. Já na ocorrência “Até Pedro veio”, o vocábulo *até* é comumente classificado pela gramática como advérbio. No entanto, o funcionamento enunciativo indica que o seu papel semântico vai muito além de um determinador circunstancial do verbo.

Em resumo, a *articulação por dependência* ocorre entre elementos que se vinculam **no âmbito do enunciado**, contraída pelo agenciamento dos locutores no acontecimento enunciativo, ao passo que a *articulação por incidência* se dá pela relação **entre enunciação e enunciado**, e também agenciada pelo Locutor.

Tendo em vista a diferença entre os dois tipos de articulação, vamos abordar a formação nominal, tentando compreender os espaços de constituição de foco temático essenciais para o dispositivo de isolamento desses tipos de articulação.

3. Articulação e formação nominal



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Do ponto de vista da enunciação, uma formação nominal (FN) caracteriza-se por se constituir em virtual suporte de predicação. Analisemos os enunciados abaixo, no sentido de compreender melhor as noções que estamos aqui apresentando:

- (1) Adoecer em dia de festa é terrível
- (2) Torcer por time que está liderando campeonato é fácil
- (3) Bater o pé involuntariamente num obstáculo é doloroso
- (3a) Tropeção é doloroso
- (4) Ele está vindo
- (5) Eu vos declaro marido e mulher
- (6) Alguém pediu socorro
- (7) Quem sabe faz

Observemos que (1), (2) e (3) apresentam uma estrutura semelhante, na medida em que começam com orações infinitivas na condição de sujeito dos predicados “é terrível”, “é fácil” e “é doloroso”, respectivamente. Já em (3a) substituímos a oração infinitiva de (3) “bater o pé involuntariamente num obstáculo” pelo substantivo “tropeção”. Não pudemos fazer o mesmo em (1) e (2), uma vez que não tivemos à nossa disposição um substantivo que carresse satisfatoriamente as informações apresentadas nas duas orações infinitivas. Em outros termos, “adoecer em dia de festa” e “torcer por time que está liderando campeonato” não projetaram nucleação, isto é, não produziram historicamente convergências que pudessem sintetizar as informações em substantivo. Em (4) e (5), por sua vez, a FN se caracteriza por uma indexação da nominalidade. Isso significa que os traços de personalidade da FN se sobressaem em detrimento da configuração de uma definitude referencial. Dessa maneira, constituem-se as condições de demanda por uma base de referência fora da FN em relação a qual o pronome produz a sua ancoragem. Esse é o fundamento dos conceitos de dêixis e anáfora. Em (6), temos outra situação: a FN não recebe condições de constituição de uma nominalidade que possam sustentar uma definitude referencial. A FN tão somente projeta uma formação referencial, e não se constituem nela efeitos de identificação de referente, criando-se dessa maneira uma demanda de identificação em outros espaços de enunciação. Em (7), da mesma forma, não temos na FN a constituição de parâmetros de definitude referencial. Em ocorrências de enunciados proverbiais, o pronome que constitui a FN participa do estabelecimento de um perfil em relação ao qual se pode reconhecer uma identidade para além do presente da



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

enunciação. Constitui-se dessa maneira uma prospecção da identidade referencial (DIAS, 2011).

Assim, seja em situações de estabelecimento dos parâmetros de nominalidade para a referência (1 a 3), seja em situações de dependência (4 e 5), projeção (6) e prospecção referencial (7), a FN motiva a saída dos verbos *ser*, *estar*, *declarar*, *pedir* e *saber* do estado de infinitivo. Em Dias (2009: 18-20), abordamos aspectos dessa motivação. Na medida em que uma formação nominal se constitui como base de predicação, o verbo adquire coordenadas de acontecimento, saindo do estado de virtualidade para o estado de atualidade. As coordenadas de acontecimento são relativas aos traços de tempo, pessoa e número, basicamente, que se agregam aos verbos em português. Por isso, dissemos que a FN se constitui em virtual suporte de predicação.

Uma diferença importante perpassa as formações nominais. As FNs que se constituem sob a égide da nominalidade (1 a 3) apresentam potencial de focalização temática. Retomemos o enunciado (3a), reformulado em (3b), de forma a produzirmos foco temático na FN “tropeção”:

- (3a) Tropeção é doloroso
(3b) Ele falou sobre o tropeção, dizendo que é doloroso.

Na cena em que *tropeção* é enunciado, em (3b), produziu-se um destaque na FN como procedimento metodológico de captação do potencial de focalização temática. Vejamos:

- (1) Adoecer em dia de festa é terrível
(1a) Ele falou sobre o problema de adoecer em dia de festa, dizendo que é terrível

Observemos que o potencial de focalização temática se mantém na FN “adoecer em dia de festa”, mas nesse caso aparece regulamente um encapsulador (o termo “problema”), de forma a capitanear a definitude referencial.

No entanto, o mesmo não ocorre com as FNs dominadas pelos traços de pessoalidade, projeção e prospecção (4 a 7). Retomemos as ocorrências acima, na tentativa de produzir foco temático na FN.

- (4) Ele está vindo
(4a) Carlos falou sobre ele, dizendo que está vindo
- (5) Eu vos declaro marido e mulher
(5a) Carlos falou sobre eu (mim), dizendo que vos declara marido e mulher (?)
(5b) Carlos falou sobre ele, dizendo que vos declara marido e mulher (?)



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

- (6) Alguém pediu socorro
(6a) Carlos falou sobre alguém, dizendo que pediu socorro

- (7) Quem sabe faz
(7a) Carlos falou sobre quem, dizendo que sabe faz (?)

Observemos que as FNs em foco temático, constituídas pelo traço da personalidade (4a, 5a, 5b), apresentam tendência à ambiguidade, justamente porque o pronome pessoal busca a base da referência em outra FN. Por sua vez, FNs como (6a) podem se constituir em foco temático, embora apresentem aspectos ainda a serem explorados quando comparamos com a focalização temática desenvolvida com base no substantivo. Já em (7a), percebemos que a prospecção dificulta em muito a constituição de foco temático.

No presente estudo, vamos nos concentrar na formação nominal que se fundamenta na nominalidade. Em Dias (2009: 21), abordamos esse tipo de FN a partir do conceito de *definitude em núcleo*. Através desse termo, propusemos que a FN “encontra no núcleo substantivo a base em função da qual as determinações se agregam, produzindo um efeito de unidade”. Veremos a seguir como o adjetivo participa dessa agregação ao núcleo. Para isso, vamos avaliar a hipótese segundo a qual o adjetivo é uma classe de palavra caracterizada pela perspectivação temática. Em outros termos, defendemos a tese segundo a qual a articulação que se desenvolve na FN produz uma perspectiva enunciativa na relação entre a atualidade da enunciação e a memória.

4. O adjetivo na formação nominal

Vamos explorar algumas formações nominais no sentido de levantar o potencial de relações do tipo **dependência** e **incidência** que adjetivos contraem com substantivos. A nossa expectativa é a de mostrar que os adjetivos em português se agregam a uma formação nominal segundo duas ordens diferentes de pertencimento, isto é, duas formas diferentes de estabelecer perspectivas de enunciação. Vejamos as ocorrências abaixo, no sentido de compreender melhor essas formas de agregação do adjetivo à FN.

- (8) marido ciumento
(8a) X falou sobre o marido ciumento de Sílvia, dizendo que...



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

(8b) X falou sobre o marido de Sílvia, dizendo que é ciumento

(9) futuro marido

(9a) X falou sobre o futuro marido de Sílvia, dizendo que...

(9b) X falou sobre o marido de Sílvia, dizendo que é futuro (?)

Em (8), temos uma relação por dependência, estabelecida entre o núcleo *marido* e o adjetivo *ciumento*. Nessa relação, o adjetivo se agrega à FN de forma a estabelecer um modo de convergência referencial voltado para o núcleo. Nessa concepção, a FN comporta uma “predicação interna”, em que um núcleo (“marido”) se constitui como dependente da perspectivação (“ciumento”). Essa predicação pode ser explicitada na medida em que estabelecemos uma focalização temática no âmbito da FN (8b). Dessa maneira, flagramos a constituição da FN com sua base em saliência, apresentada como objeto do enunciar (“sobre o marido de Sílvia”) e sua perspectivação dirigida ao núcleo (“ciumento”). O efeito que obtivemos é o de que a perspectivação opera na atualidade da FN, ou seja, a enunciação relativa ao *marido de Sílvia* contempla uma forma de apreensão da referência pelo adjetivo. Uma vez que a relação de dependência se dá no âmbito do enunciado, a perspectivação se realiza de forma a agregar informação à referência constituída internamente a FN. Já em (9), por sua vez, não temos uma perspectivação dirigida à base. Ao contrário, a perspectiva se apoia no próprio modo de enunciar a referência. Tendo em vista que o adjetivo *futuro* não participa da expansão do núcleo, ocorre um controle no âmbito da constituição da referência. Na perspectivação, o adjetivo incide na base de forma a produzir o efeito de um controle do locutor sobre a referência. Dessa maneira, sentenças como “9b” se tornam estranhas na língua portuguesa, uma vez que o adjetivo *futuro*, apesar de ser uma peça da organicidade da FN, não é uma peça de arregimentação da FN em torno do núcleo. Por isso, a construção com foco temático voltado para o núcleo, isolada do seu controle de perspectiva, apresentaria baixa aceitação como sentença regular do português, como demonstraria (9b). O adjetivo *futuro* resiste, pois, a se colocar no alcance do foco temático, uma vez que ele não participa da convergência nuclear, mas da constituição de um controle enunciativo incidente na FN.

Analisemos outra ocorrência de adjetivo em construções nominais do Português.

Em Dias (1999), realizamos uma abordagem preliminar de uma expressão que identifica uma via pública em Campina Grande. A rua é denominada *Coronel João*



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Lourenço Porto. É uma rua comum, que não se destaca por nenhum atrativo especial, a não ser o fato de ser conhecida por outro nome: *Antiga Rua da Floresta*. Especificamente, o que nos chama o interesse nessa expressão é o fato de que temos aqui um adjetivo (*antiga*) bastante comum, num tipo de construção também comum. Mas os conceitos de adjetivo das nossas gramáticas escolares – que geralmente se resumem em “palavra que indica qualidade, estado ou aparência do ser – não contemplam o funcionamento de *antiga* nessa ocorrência. Efetivamente, nesse caso, o adjetivo *antiga*, relacionado a *Rua da Floresta*, não indica nem a qualidade, nem o estado, nem muito menos a aparência da rua, nem algo que esteja na órbita da caracterização da rua.

A análise da FN “antiga Rua da Floresta”, do ponto de vista da perspectivização, indica-nos que o adjetivo se articula com o núcleo sob o modo da incidência, e não da dependência. Com efeito, o procedimento de focalização temática permite essa conclusão:

10) Antiga Rua da Floresta

10a) X falou sobre a antiga Rua da Floresta, dizendo que...

10b) X falou sobre a Rua da Floresta, dizendo que é antiga.

Em (10b), o efeito de sentido que sobressai é o de que o locutor está promovendo uma avaliação da rua do ponto de vista da sua caracterização, isto é, tomando-a como objeto do enunciar. Se assim fosse, teríamos uma relação de **dependência**, na articulação entre o adjetivo e o núcleo nominal. No entanto, a relação entre o adjetivo e o substantivo, nesse caso, envolve algo mais complexo do que a simples caracterização da rua. O adjetivo *antiga* só poderá ser compreendido na medida em que na enunciação incide uma resistência por parte do locutor a uma mudança no nome da rua, que se instaurou quando a Câmara Municipal aprovou a mudança. Dizer “antiga Rua da Floresta” é efetivamente reconhecer essa mudança; por isso, não se diz simplesmente Rua da Floresta. Assim, enunciar “antiga Rua da Floresta” é invocar uma memória e marcar uma resistência. Nessa direção, ao invés de uma relação de dependência, temos na verdade uma articulação por **incidência**. A agregação do adjetivo à FN é permeada pela historicidade específica da relação entre o sujeito e as instituições sociais, que se mostra na (re)incidência do gesto cotidiano do cidadão campinense ao nomear a rua pela resistência.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Tomemos dois outros enunciados, em que os conceitos de dependência e incidência adquirem importância na compreensão do funcionamento do adjetivo no âmbito da FN.

11) “vote num candidato limpo e justo”²

12) “Político sujo não ganha eleição; candidato limpo respeita a cidade”³

Vejam inicialmente como o adjetivo *limpo* se comporta, tendo em vista o procedimento de focalização temática:

11a) X falou sobre candidato dizendo que ele deve ser limpo

12a) X falou sobre candidato dizendo que ele deve ser limpo (?)

Na nossa perspectiva, a relação que o adjetivo contrai com a FN em (11) não é a mesma que ele contrai em (12).

Em (11) a perspectivação recai sobre o núcleo da FN, agregando informação à referência constituída internamente a FN. Isso possibilita que tenhamos (11a), apresentando como resultado uma convergência nuclear, atingindo diretamente o caráter do candidato, que se apresenta como objeto da enunciação. Temos dessa forma uma relação de **dependência** contraída pelo adjetivo na sua agregação a FN.

Por outro lado, em (12), temos o enunciado de uma campanha em prol da limpeza da cidade em época de campanha eleitoral. Observemos que o apelo dirigido aos candidatos incide sobre uma atitude a ser evitada, qual seja, não afixar cartazes em postes, muros, ou mesmo não jogar “santinhos” e panfletos nas calçadas. Sendo assim, ser um candidato limpo não é algo exatamente motivado pelo que é o candidato ou pelo que ele faz, mas pelo que ele não faz, ou evita fazer. A enunciação de (12a) foi marcada como peça de linguagem com algum grau de inadequação, através da interrogação: ela produz o foco na constituição de uma referência para candidato, mas essa perspectivação contraria o direcionamento constituído em (12). Na realidade, há um “intervalo” virtual entre candidato e limpo. Nele incidem atributos passíveis de captação indireta (aquilo que x não faz) na relação com núcleo. Portanto, o que sustenta a articulação do adjetivo em relação a FN é a **incidência** daquilo que o locutor evoca como pertinente a um espaço urbano

² in: <http://www.hardmob.com.br/archive/index.php/t-43397.html>. Acessado em 26/11/2010.

³ in: *Correio da Bahia*, Salvador, 2 out. 1998. Cad. Economia, p. 9. Em Dias (2007), realizamos uma análise preliminar desse enunciado. No entanto, ele não foi abordado nem pela perspectiva da formação nominal e nem pelo viés dos dois tipos de articulação que ora estamos desenvolvendo.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

civilizado, e não os atributos de um candidato, quanto ao seu caráter. Essa articulação está diretamente relacionada com a posição em que o sujeito enuncia. Analisar uma questão linguística como a agregação do adjetivo a FN envolve conhecer não apenas o modo como ela se dá no nível das relações estritamente linguísticas (dimensão orgânica), manifestadas na linearidade do dito, mas também no jogo das posições de enunciação.

Considerações finais

Esperamos ter mostrado que só se produz perspectiva porque se constitui pertinência enunciativa, isto é, porque o gesto de constituir uma formação nominal é motivado por uma relação de inserção do que se diz na atualidade do dizer. Por isso, a enunciação é acontecimento: ela contrai pertinência no enlace de uma memória com uma atualidade.

O fato linguístico, portanto, é definido a partir da tensão entre uma estabilidade da unidade, marcada na linearidade, isto é, pontuada na horizontalidade da ordenação do arranjo sintático, de um lado, e a verticalidade própria de um domínio de forças a ser representado, de outro.

Na **articulação por dependência** essa tensão é situada na relação entre a perspectiva proporcionada pelo adjetivo e a força de convergência em prol da definitude do núcleo, no âmbito da própria constituição da temática. Por sua vez, na **articulação por incidência**, a tensão entre o estrutural e o enunciativo se apresenta pela interposição do locutor na perspectivação.

BIBLIOGRAFIA

DIAS, L. F. Gramática e discurso no ensino do português: novos desafios na formação do professor de língua materna. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 25-30, 1999.

_____. Gramática e política de língua: institucionalização do linguístico e constituição de evidências linguísticas. In: Orlandi, E. (org.) *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, p. 183-200, 2007.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

_____. Enunciação e regularidade sintática. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.1, n.1, p. 7-30, 2009.

_____. Memória, enunciação e lugares sintáticos. in: PEREIRA, A.E; LEFFA, V.J. (orgs.) *Linguagens: metodologias de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2011 (no prelo).

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.

GUIMARÃES, E. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n.1, p. 49-68, 2009.